

A Videopoesia “Cheiro de Revolução”, de Juliana Ujakova: Reflexões Sobre o Potencial da Linguagem Artística na Pós-Modernidade e Aspectos Educacionais

The Videopoetry “The Smell Of Revolution”, By Juliana Ujakova, And The Reflections Of Artistic Language In Post-Modernity

Silvana Moreli Vicente Dias¹
silmorelivdias@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre a diversidade da linguagem pós-moderna, evidenciando a importância dos recursos tecnológicos para a potencialização da criatividade e para difusão de produções autorais híbridas, como é o caso dos gêneros discursivos digitais. Para subsidiar essa análise, foi escolhida a obra “Cheiro de Revolução”, uma videopoesia de Juliana Ujakova, divulgada no *Instagram* @ujakovica. Com base no aporte teórico oferecido por autores como Ferreira (2024), Jakobson (1969), Lévy (1999) e Santaella (2007; 2017), este artigo identifica e interpreta os signos verbais e não verbais presentes no videopoema, de modo que seja possível observar como a tradução intersemiótica da obra contribui para reconhecer a multiplicidade de signos existentes e como eles dialogam entre si, produzindo sentido e colaborando com o artista na expressão da sua arte. Por fim, reflete-se sobre a importância de desenvolver competências e habilidades para a leitura das produções criativas multissemióticas atuais (Coscareli; Ribeiro, 2014; Rojo; Moura, 2012). Desenvolver a competência comunicativa multimodal possibilitará a formação de leitores sensíveis, críticos e autônomos, que interajam com obras híbridas em uma perspectiva dialógica e protagonista e, conseqüentemente, constituam-se como receptores que estimulem, por sua vez, a expansão de experiências artísticas multissemióticas renovadas.

Palavras-chave: Linguagem pós-moderna; videopoesia; signos verbais e não verbais.

Abstract: The aim of this article is to reflect on the diversity of postmodern language, highlighting the importance of technological resources in boosting creativity and disseminating hybrid authorial productions, such as digital discursive genres. To support this analysis, we chose the work “The smell of revolution”, a video-poetry by Juliana Ujakova, published on *Instagram* @ujakovica. Based on the theoretical contribution offered by authors such as Ferreira (2023), Jakobson (1969), Lévy (1999) and Santaella (2007; 2017), this article identifies and interprets the verbal and non-verbal signs present in the video-poem, so that it is possible to observe how the intersemiotic translation of the work contributes to recognizing the multiplicity of existing signs and how they dialogue with each other, producing meaning and collaborating with the artist in the expression of his art. Finally, it discusses the perspicacity of developing competencies and skills for reading multisemiotic creative productions in today’s context (Coscareli; Ribeiro, 2014; Rojo; Moura, 2012). Specifically, it highlights the importance of fostering multimodal communicative competence. By doing so, educators can empower students to become sensitive,

¹ É professora na UNIFACVEST (SC) e na Universidade Veiga de Almeida - UVA (RJ)

critical, and autonomous readers, who engage with hybrid works from a dialogical and proactive perspective. Ultimately, this approach contributes to the enrichment of multisemiotic artistic experiences.

Keywords: Postmodern language; video-poetry; verbal and non-verbal signs.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A revolução digital impactou a vida contemporânea e transformou aspectos fundamentais de nossa existência. O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação trouxe mudanças significativas no modo de viver do ser humano. Na pós-modernidade, vive-se em um mundo palpável que depende, cada vez mais, das tecnologias existentes no espaço virtual. Pessoas, instituições, informações, artefatos tecnológicos móveis, computadores e redes, todos, interconectados, constituem esse ambiente multidimensional. O ciberespaço é uma realidade virtual que faz parte do dia a dia do homem pós-moderno, pois, devido à sua característica ubíqua, a tecnologia está sempre disponível, cada vez mais presente em todos os espaços e tempos. Torna-se, assim, uma necessidade viver conectado, interagindo, movimentando, produzindo e compartilhando informações.

O leitor pós-moderno, para desenvolver as competências e habilidades multimodais necessárias para interagir com a arte multidimensional que circula no ambiente da comunicação digital, depara-se com o fato de que é necessário praticar, na escola e para além da escola, a leitura de textos híbridos que combinam escrita, imagem, som, vídeo etc. Ser um leitor perspicaz também implica ler criticamente a produção observando as múltiplas camadas de sentido que compõem o todo. Como afirma Rojo e Moura (2012), a escola é o lugar ideal que abre espaço para o mergulho tanto na diversidade de culturas e identidades, quanto na diversidade de linguagens, sendo essa constatação o ponto de partida para defender uma pedagogia dos multiletramentos como um processo que possibilita ao leitor do presente e do futuro encontrar, desde as estratégias didáticas na

formação básica até as experiências de leitura extensivas com as quais irá se deparar no mundo, o seu caminho de sujeito construtor de sentidos, engajado, crítico e protagonista, que impulsiona as criações multimodais.

Antes de tecer considerações sobre aspectos da leitura na pós-modernidade, importa abordar a condição do sujeito na pós-modernidade e da produção artística que circula no ciberespaço.

ARTE E CIBERCULTURA: PALAVRAS INICIAIS

Nesse contexto, vamos retomar como Pierre Lévy (1999) define o conceito de ciberespaço e ressalta sua importância para o desenvolvimento da cibercultura:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (Lévy, 1999, p.17).

A cibercultura pode ser entendida como a cultura gerada dentro do ciberespaço. As relações sócio-culturais assumidas pela sociedade no ambiente virtual, por meio dos seus computadores e artefatos móveis, originaram hábitos e valores que constituem esse movimento. No ciberespaço, a atmosfera da cibercultura se manifesta significativamente dentro das redes sociais. O principal objetivo desses canais é conectar pessoas, promovendo a interação entre indivíduos e grupos de uma sociedade. Eles se apresentam em diversos tipos e com propósitos variados que transcendem as conexões por laços de amizade. Dentre as várias possibilidades oferecidas pelas redes sociais, destaca-se a capacidade de o usuário produzir seu próprio conteúdo. Essa facilidade atraiu os artistas, que, com autonomia, passaram a dominar as ferramentas de produção e a desfrutar de

liberdade para compartilhar suas obras. A artista multimídia Diana Domingues discorre sobre a liberdade adquirida no mundo tecnológico, que passa a ter um perfil mais democrático:

A arte não está mais a serviço de camadas dominantes, nem fica legitimada somente por uma elite social ou econômica, não está limitada a hierarquias. Da mesma forma que nas sociedades primitivas, a arte se reconcilia com a sociedade numa relação direta arte/vida (Domingues, 1997, p.21).

Na era digital, o artista, usuário das mídias sociais, expõe sua arte nas redes e interage diretamente com seus seguidores, que colaboram com a divulgação de seu trabalho. Ele não está mais subordinado a regras que antes favoreciam o monopólio das empresas de comunicação das massas, instituições acadêmicas e culturais. Hoje ele está livre para produzir e disseminar seu conteúdo. Os avanços da era digital proporcionaram técnicas e dispositivos para que o autor desenvolvesse sua arte de forma relativamente descomplicada, do ponto de vista da execução, e com considerável autonomia, muito embora essas conquistas tenham vindo também acompanhadas de paradoxos que abrem caminhos para questionar, de modo mais pungente, o lugar do artista e da arte, as fronteiras da ética, as relações com o tempo e a obsolescência de plataformas, os desafios da acessibilidade etc.

De qualquer modo, é fato que o objeto artístico se aproxima da sociedade hoje com mais desenvoltura e pode se identificar com o sujeito pós-moderno, quando ele passa a vivenciar a experiência artística no seu dia a dia. Nesse sentido, as mídias sociais tornam-se fundamentais para que aconteça a aproximação do autor com o seu público. Lucia Santaella (2007) explica a centralidade das mídias no que diz respeito ao papel que exercem como difusoras da arte do seguinte modo:

Consideração importante sobre o papel que as mídias desempenham nos circuitos das artes diz respeito aos velhos preconceitos que buscam asceticamente separar as artes das mídias, estas concebidas não apenas como suportes tecnológicos para produção artística, mas como meios de comunicação e difusão de informação. [...] Longe de terem usurpado

o lugar social das artes, as mídias foram crescentemente se transformando em suas aliadas mais íntimas. Isso se explica pelo fato de que, na produção cultural, as mídias ocupam posição central no desempenho da função dos meios de difusão (Santaella, 2007, p.150).

As mídias evoluíram e, hoje, representam um canal em que as ideias e as opiniões circulam por todo o globo terrestre, o que não significa que as tensões e as contradições também possam desafiar a liberdade que, a priori, se manifesta. De qualquer modo, o conhecimento movimenta-se e a informação é renovada. Todos podem participar, de alguma forma, do trabalho que é produzido na internet, seja por meio de colaborações, coautorias ou divulgações. O ambiente digital oferece ao artista todo o suporte tecnológico para produzir a sua arte e a liberdade para que ele possa compartilhá-la, por meio da mídia que lhe for mais conveniente.

A internet se tornou uma ferramenta indispensável para promover e difundir a arte pós-moderna, em um meio que, mesmo com todo o seu potencial, obviamente, não está deslocado dos paradoxos dessa mesma sociedade cada vez mais globalizada e que pouco avança no sentido de romper desigualdades econômicas, raciais, de gênero, sociais e regionais que pervadem os espaços públicos e privados. Nesse sentido, aliás, o artista moderno pode partir desse espaço de consciência e reflexão para, justamente, oferecer uma resposta criadora que promova a educação para um mundo melhor, a conscientização, a amplificação das vozes marginalizadas, inclusive das mulheres, a acessibilidade e a inclusão de um público cada mais vez amplo, que não fique restrito a uma a uma rede exclusiva de fruidores da arte.

VIDEOPOESIA: UM GÊNERO HÍBRIDO TÍPICAMENTE CONTEMPORÂNEO?

No âmbito das práticas criativas, poesia é u uma arte literária que sempre esteve presente na vida do homem como uma forma de ele refletir sobre suas ações e manifestar a sua visão de mundo. No mundo contemporâneo, o sujeito pós-moderno expressa a sua

subjetividade ao discorrer sobre os seus anseios, preocupações e problemas existenciais. O poeta alivia as suas angústias e frustrações, decorrentes de um contexto contraditório, carregado de incertezas, por meio da sua arte. Ele vive em uma época em que as mudanças são rápidas e imprevisíveis, há uma movimentação constante de informações e descobertas tecnológicas que alteram, repentinamente, o seu modo de vida.

Esse estado de contínuas transformações com o qual o poeta convive é resultante, em grande parte, da revolução digital, um processo que se iniciou em meados do século XX e que se expande continuamente. Os avanços tecnológicos, frutos desse movimento, trouxeram novidades no campo da linguagem e na forma como os seres humanos se expressam. Na pós-modernidade, o poeta pode dispor de outros recursos, para além dos tradicionais meios analógicos (para não falar das performances, como receitas e outros), a fim de difundir suas criações, pois ele tem à disposição tecnologias para construir um artefato digital de modo autoral, mesclando, com sensibilidade estética, signos verbais e não verbais.

Pode-se afirmar que a videopoesia descende da poesia visual, que é uma herança do Concretismo, movimento nascido na Europa – são seus precursores nomes como Max Bill (1908-1994) e Vladimir Maiakovski (1893-1930) – que rapidamente se popularizou no Brasil. O movimento artístico da década de 1950 liderado pelos poetas Augusto de Campos (1931-), Haroldo de Campos (1929-2003) e Décio Pignatari (1927-2012) introduziu e difundiu uma forma inovadora de pensar e fazer poesia, que seguia o lastro da evolução técnica industrial e as tendências modernizadoras e progressistas de uma sociedade que procurava se colocar no mapa global cosmopolita dos países em franco desenvolvimento. Abolindo a forma discursiva e a sintaxe tradicional, a poesia concretista explorava o significante. Assim, havia uma valorização da palavra solta, da sua imagem e representação sonora. O poeta agia com liberdade, abusando dos signos e dos seus significados, procurando aproveitar todos os espaços disponíveis. O seu objetivo era criar uma poesia que apresentasse uma forma, como uma poesia visual. Nesse sentido, o Concretismo surgiu em uma época na qual o país passava por transformações

significativas e, dentre elas, destaca-se o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa – e, com essas transformações, a confiança no futuro, no progresso e nas benesses de uma certa concepção de capitalismo.

Percebe-se, nesse passo de constante movimentação e ruptura, que novas formas de fazer poético foram e têm sido gestadas com a evolução da comunicação, do suposto avanço do conhecimento e a internacionalização da cultura, até os dias de hoje. Inclusive, é significativa a relação que Viviana Bosi (Bosi, 2019) faz entre a utopia da arquitetura daqueles tempos, representada por Brasília e Oscar Niemeyer, e a tendência dos artistas construtivistas para aproximarem-se de técnicas industriais – às quais acrescentamos as da cultura de massa. Ousaríamos dizer que o arrojo da técnica, ligada à percepção aguda sobre o presente, embora possa parecer ter um sentido esvaziado da história, continuaria, anos depois, a estimular a elaboração de novas formas e novos significados, em estreita relação com o presente e a vida do homem sensível e crítico.

Algumas décadas depois, o gênero digital videopoesia se revelou como um dos mais produtivos gêneros artísticos da nova era, seguindo passos antes trilhados com desenvoltura pela poesia visual. Dialogando com o Concretismo no campo das linguagens artísticas, funde aspectos diversos, pondo em diálogo literatura, cinema, fotografia, televisão, artes visuais, música etc., para criar um objeto novo capaz de dinamizar um conjunto de experiências, formas e sentidos impactantes para um público cuja percepção também vem se alterando com o tempo, carregado em seu bojo todos os paradoxos de sua época. Em entrevista de 2021, Augusto de Campos continua a empregar um conceito trabalhado ao longo de décadas de sua atuação como poeta e como crítico, o “verbivocovisual”, que define a produção de poemas viabilizados pelas novas tecnologias, como novos meios de concepção, fusão e difusão, reinventando, inclusive, o próprio conceito de “livro”:

O livro continua a existir, como excelente suporte que é, para a difusão da poesia e da Arte e só pode ganhar com o avanço da tecnologia, que permite a adoção e a inclusão de novos processos e técnicas em sua

execução e produção, mantendo as características materiais que lhe são próprias. Mas não o único veículo para a poesia. Os recursos das novas tecnologias expandem a produção do poema e viabilizam a utilização de recursos multidisciplinares abrangidos na expressão que adotamos desde os primeiros textos teóricos, e que encontramos na obra de James Joyce: “verbivocovisual” (Campos; Mattar, 2021, p.161).

As transformações advindas da revolução digital possibilitaram caminhos multiformes para a reinvenção das manifestações artísticas. Muitos poetas contemporâneos, atraídos pelos recursos tecnológicos disponíveis, passaram a produzir conteúdos que podem ser abarcados sob a rubrica do gênero discursivo híbrido videopoesia. Dedicam-se a esse gênero artistas conhecidos e anônimos, renomados ou não, certamente usuários das redes sociais que encontraram nesse espaço uma oportunidade para criar e divulgar a sua arte, agora, não mais limitada exclusivamente aos signos verbais e nem alijados de seu tempo. Como declara Santaella (2007), a arte se manifesta, ao longo das diversas épocas, procurando sempre traduzir os acontecimentos relevantes para a humanidade:

Ao longo da história humana, todas as vezes que houve mudança no suporte da escrita, foram os artistas e poetas que tomaram a dianteira na exploração de seus potenciais para a criação. Na continuidade dessa tradição, hoje são os artistas e poetas que estão extraindo das novas mídias características inéditas da escritura, tanto no nível da aparência da escrita quanto no nível do seu sistema de codificação interno (Santaella, 2007, p.333).

A tecnologia ampliou e diversificou as formas de comunicação e expressão dos gêneros literários. Ela possibilita que o poeta, ao fazer uso de uma linguagem hipermidiática, consiga expressar sentimentos que seriam articulados de modo diferente daqueles manifestados por meio de gêneros exclusivamente escritos. Os recursos tecnológicos à disposição do autor atuam como uma ramificação da escrita, entregando um texto híbrido, móvel e imagético. Assim como argumentou Santaella (2007), na pós-modernidade não há como visualizar o homem separado da tecnologia, pois esta seria

uma extensão do seu corpo e da sua mente, e, da mesma forma, a escrita encontra na tecnologia a sua continuidade. A autora assim muito bem esclarece que:

Escrever no meio digital oferece a oportunidade de se reimaginar o que é escritura, oportunidade que é levada às últimas consequências pelo artista-poeta. Por isso mesmo, a partir das mídias digitais, o sentido de escrita amplifica-se, não se limitando ao sentido usual de caracteres tipográficos arranjados como transportadores de significado, pois pode envolver imagens, caracteres que não podem ser exibidos, scripts, textos comentados e outros. Escrever nunca mais será o mesmo, agora que seus links mentais se tornaram manifestos em um sistema de escrita que permite a interdependência dos elementos dentro de um ambiente em constante fluxo (Santaella, 2007, p.334).

A poesia do mundo digital se apresenta de forma multissemiótica, possibilitando que a manifestação artística do seu criador aconteça pela junção de diversas linguagens. Cria-se, assim, um texto fragmentado pela presença de signos variados, mas que se entrelaçam e dialogam entre si, contribuindo para a construção da totalidade do seu significado. É como se o texto do poeta ganhasse vida e/ou fosse representado em um filme, cujos atores fossem os signos semióticos que, ao se relacionarem uns com os outros, interpretam aquela obra, a fim de transmitir ao público as ações e emoções ali contidas.

Na videopoesia, a literatura se une ao audiovisual, e o poema deixa de ser apenas um texto escrito. Todas as artes estão interligadas e conectadas, fazendo algo completamente diferente das linguagens tradicionais e modernas, expandindo-se na cibercultura, dentro do ciberespaço, encontrando novos adeptos e cultivando novas comunidades de leitores da era digital. São vários signos semióticos que se unem, contribuindo cada um com sua linguagem característica e desenvolvendo, dessa forma, uma relação intersemiótica. No resultado desse processo, pode haver a prevalência de um signo sobre os outros, mas todos colaboram e dialogam entre si.

A potencialidade da linguagem da hipermídia para a arte é que o autor pode explorar intensamente o seu conteúdo. Ele tem à sua disposição uma série de recursos tecnológicos

que o encorajam a sair do campo da objetividade e optar pela construção de uma arte que irá se confundir com a própria estética. O poeta se sente livre para ser ousado e mesclar todos os signos disponíveis. Entretanto, quando a sua arte for contemplada, não produzirá o mesmo efeito em todas as pessoas, pois as sensações percebidas dependerão da forma como os signos serão lidos e associados por cada uma delas, com base em suas próprias experiências.

A INTERSEMIOSE DA VIDEOPOESIA: LEITURA DE “CHEIRO DE REVOLUÇÃO”, DA AUTORA JULIANA UJAKOVA

As diferentes linguagens presentes na videopoesia constituem-se pela representação dos signos que produzem sentidos e significados para quem os contempla. Os signos fazem parte da linguagem do ser humano, pois eles são usados no seu processo de comunicação. Segundo Santaella (2017), a simbologia está presente em nossa essência, porque nos expressamos por meio dela:

Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens gráficas, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir, e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem (Santaella, 2017, p.5).

A comunicação humana não limita a sua expressão somente pelas linguagens verbal ou escrita. Qualquer forma na qual se pode produzir um significado é uma forma de expressão. Para isso, o ser humano usa o signo. O signo pode se apresentar como um ícone, que possui uma característica ou semelhança com o objeto, um índice, que consiste em um vestígio que aponta para o objeto, e um símbolo, que é arbitrário, determinado por convenção, e o seu interpretante o assemelhará a outro signo igual ou mais desenvolvido. Sobre o significado do signo, Santaella (2017) explica:

Portanto, o significado de um signo é outro signo – seja este uma imagem mental ou palpável, uma ação ou mera reação gestual, uma palavra ou um mero sentimento de alegria, raiva... uma ideia, ou seja, lá o que for – porque esse seja lá o que for, que é criado na mente pelo signo, é um outro signo (tradução do primeiro) (Santaella, 2017, p.50).

Em uma videopoesia, há diversos signos, tanto verbais como não verbais. Na verdade, há a presença de gêneros multissemióticos, pois o poeta constrói o texto utilizando os recursos digitais disponíveis no mundo contemporâneo. A representação de um signo para o outro pode ser explicada por meio de uma análise intersemiótica, que, para Roman Jakobson (1969, p.65), “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de signos não-verbais”.

Nesse contexto, a videopoesia “Cheiro de Revolução”, da autora Juliana Ujakova, será objeto de análise neste artigo. Ela exemplifica e representa esse gênero discursivo contemporâneo, oferecendo uma linguagem multimodal com a presença de diversos signos semióticos. A autora, poeta, usuária das redes e criadora de conteúdo, com base sobretudo em sua formação acadêmica e profissional diversificada, realizou todas as etapas do trabalho, desde a criação do roteiro, produção, filmagem, edição, finalização e divulgação, etapa esta feita por meio do seu canal de videopoesia intitulado @ujakovica, na rede social *Instagram*. Juliana construiu uma obra que usou linguagens do cinema, com técnicas de filmagens, sequência de planos das metáforas audiovisuais, animação 2d, efeitos de imagem, recursos sonoros etc., enfim, uma linguagem híbrida, verbal e não verbal. A seguir, pode-se ler o texto da autora, transcrito a partir do videopoema:

Cheiro de Revolução (Juliana Ujakova)

Talvez, aquele clichê de que as mulheres são como flores seja verdade
Porque conseguem crescer um terras áridas e destruídas
Porque resistem a tempestades e ventanias
Porque possuem espinhos e marcas em seus corpos
Porque florescem. E toda mulher tem um tempo interno para florescer
Florescemos quando enxergamos a beleza que possuímos
independentemente do tipo de flor que somos
Quando percebemos que a nossa fragilidade é um mito
E quando nos damos conta de que ninguém pode entrar no jardim em
que moramos sem a nossa permissão

E entendemos que ser mulher é um eterno desdobrar-se
É um contínuo se perder e se encontrar
Se quebrar e se renovar
Para então se quebrar outra vez
É não ter fórmula, nem padrão
É não ter formato, mas certamente ter pulsão
É ser mutável, desdobrável
É saber renascer todos os dias
E, acima de tudo, não ter medo da mudança
Pois nós somos a própria mudança (Ujakova, 2021).

O poema escolhido justifica-se não somente por apresentar uma diversidade de signos na sua composição, mas também por abordar uma temática muito discutida na pós-modernidade, qual seja, a identidade feminina no contexto de um debate mais amplo sobre as questões de gênero nos dias de hoje. Percebe-se, assim, a postura do poeta pós-moderno, que manifesta a sua arte ao discutir temas que são relevantes para a condição humana nas redes sociais.

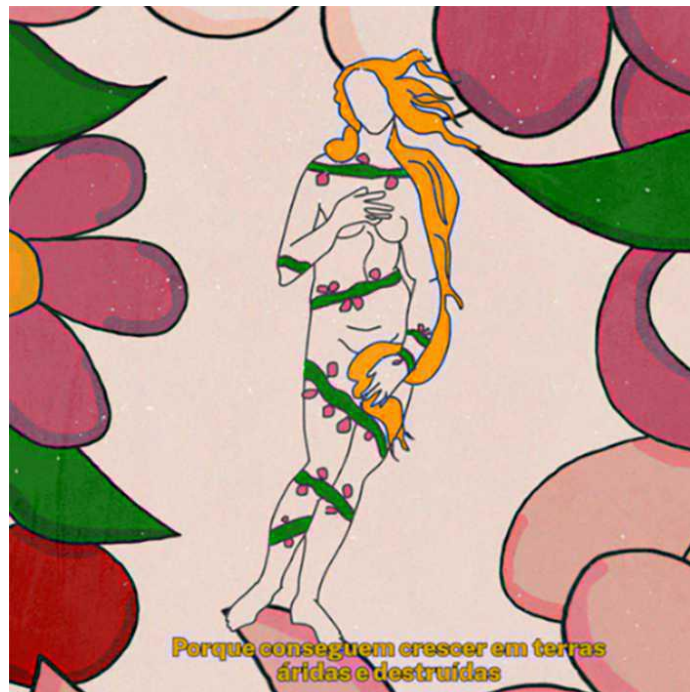
Figura 1 - Vênus



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/Ca0tnhgjnrF/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

Logo na primeira cena da videopoesia, apresenta-se uma linguagem com técnicas de animação 2d. Há um foco narrativo, com o áudio da voz da autora e, por trás, uma suave música. Apresenta-se também um recurso de legenda que foi disponibilizado para a melhor compreensão da narração. Esses quatro elementos, animação 2d, o áudio da narração, a música e a legenda, serão contínuos durante todo a videopoesia. Como um dos recursos de sons, usa-se como dispositivo um microfone acoplado a um gravador; e, por meio de recursos tecnológicos, digitaliza-se a voz da narradora. Todos os signos se mesclam e começa a transposição da linguagem verbal por meio de signos visuais. Com a intertextualidade estabelecida a partir da imagem de Vênus, da obra “O nascimento de Vênus” (“Nascita di Venere”, em língua italiana), de Sandro Botticelli (1445-1510), temos a presença de um ícone, representando a beleza. Nas culturas grega e romana, Vênus ou Afrodite era a deusa do amor e da beleza. Assim, por muito tempo, ela foi tida como uma das maiores representações da mulher e do feminino.

Figura 2 – O florescer de Vênus



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/Ca0tnhgjnrF/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

No videopoema, a mulher representada começa a florescer, tanto em beleza, quanto em força. As flores envolvendo o corpo de Vênus foram construídas por meio de uma animação em que cada frame é feito um desenho novo (*frame by frame*). Nessa primeira cena, vemos a presença de diversos signos semióticos que se perpetuarão durante toda a videopoesia. Há os recursos de animação, com base nos quais as flores são representadas, as cores, cuja palheta será predominante, os signos sonoros, como o áudio da narração, assim como música, que será ouvida até o final. Imagens estáticas e em movimento no final do vídeo serão mescladas com outros signos. O texto verbal vai ganhando vida e sendo representado amalgamado a signos não verbais.

Figura 3 – Terras áridas

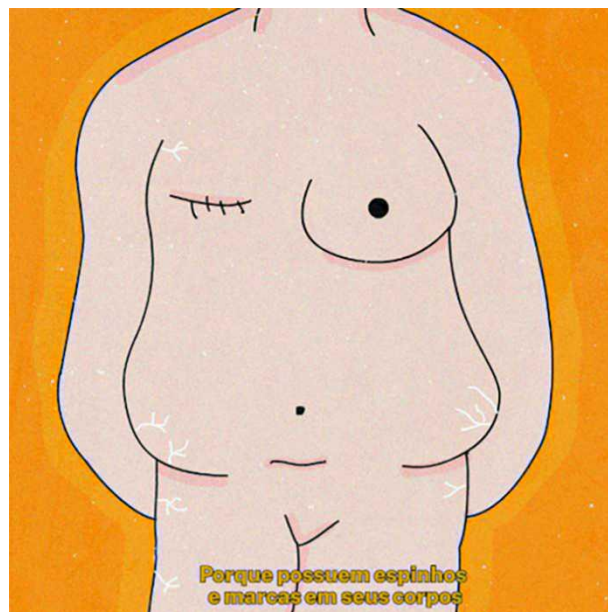


Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/Ca0thgjnrF/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

Na figura acima, há duas cenas que apresentam linguagens variadas, como animação 2d, fotografia, filmagem etc. Percebe-se que foram trabalhados elementos visuais que ressaltam a ideia de florescer em meio ao caos ou em lugares áridos. O cenário ilustra um beco, um índice que remete às terras áridas, pois é o local onde o lixo é depositado. Existem símbolos que representam o lixo: a televisão estragada, o sofá velho, o espelho quebrado etc. A animação também remete a espaços marginalizados da

sociedade, de modo que, pode-se dizer, há uma metáfora sutil em relação à marginalização social da mulher. As plantas animadas crescem à medida que a cena avança. A linguagem utilizada retrata, dessa forma, o potencial criativo e de renovação que a mulher possui, o qual a faz se ressignificar nos mais diversos cenários em que está inserida. Há, nesse momento, a transposição verbal do texto “porque conseguem crescer em terras áridas e destruídas” para signos visuais. É interessante notar que algumas pétalas são índices que remetem a uma vulva – que também se conecta aos órgãos reprodutores, por exemplo, de plantas com flores. Há a ilustração de vulvas inserindo, no contexto do vídeo, a questão do empoderamento. Conforme a cena avança, a artista usa cores mais fechadas para indicar um tempo de chuva e tempestade que, ao mesmo tempo, também pode representar uma antítese entre o novo e o velho, em um ato de se renovar.

Figura 4 – Marcas

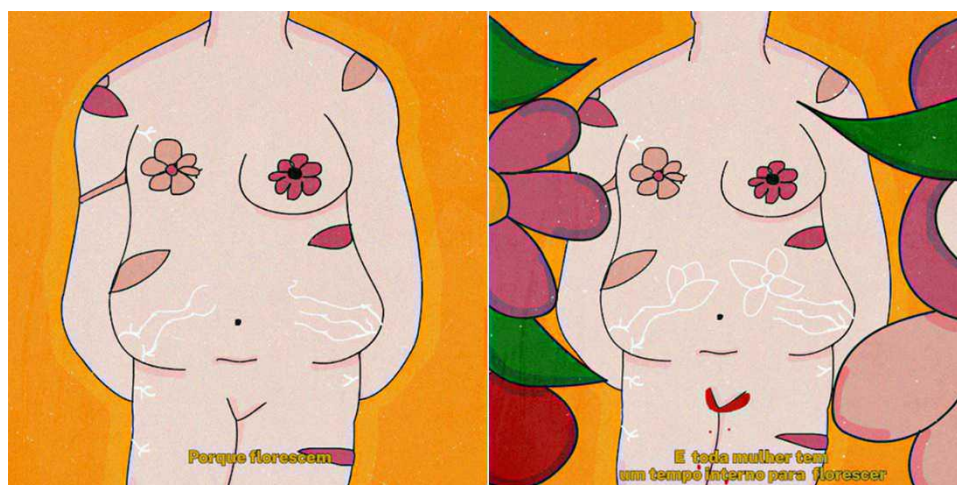


Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/Ca0thgjnrF/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

A Figura 5, mais uma vez, por meio de signos semióticos de animação, apresenta o símbolo de um corpo real. Os traços no seio esquerdo, a barriga, os riscos brancos

(representando as estrias) simbolizam um corpo que não segue aquele que é o padronizado pela sociedade. São signos que foram usados para representar os espinhos, marcas, tempestades e ventanias, abordados pela autora no texto do poema.

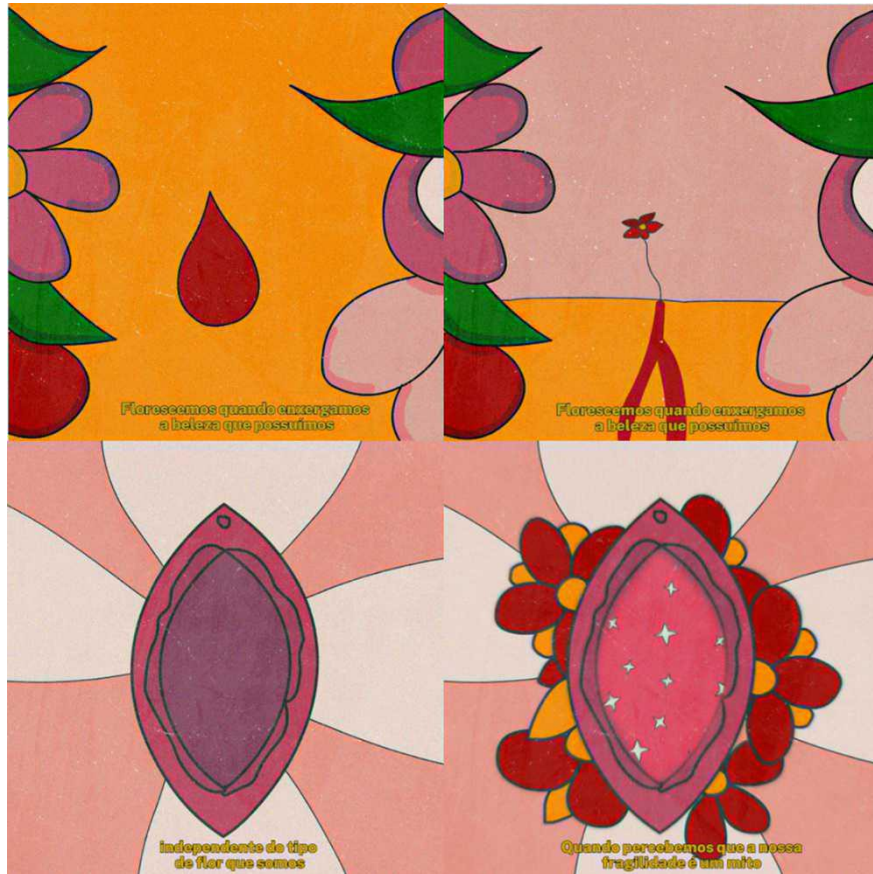
Figura 5 – Marcas e flores



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/Ca0tnhgjnrF/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

A Figura 5 demonstra, por meio dos recursos de animação utilizados, que esse corpo fora do padrão também é um corpo belo e cheio e vitalidade. À medida que a cena progride, percebem-se flores brotando das marcas do corpo. Elas são índices que remetem à beleza, e o florescer é um índice que remete à vitalidade. A significação ainda pode abranger a mensagem da sabedoria e do autoconhecimento que as mulheres, com o tempo, passam a obter; cada marca, em seus corpos, torna-se a representação viva de cada momento do florescer – vegetal, feminino, humano e transcendental.

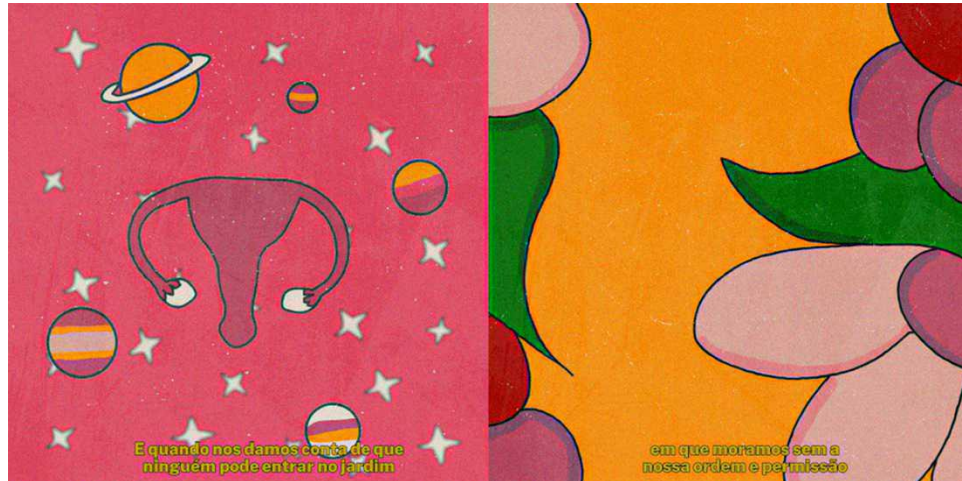
Figura 6– Tempo interno



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/Ca0tnhgjnrF/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

Na figura acima, constituem-se quatro cenas. Nelas, ainda com a mesclagem de signos sonoros e imagéticos, percebe-se, explicitamente, a correlação da mulher com a criação. Nesse momento, ela é representada como a força criadora. A menstruação é mostrada como uma chuva criadora que permite a ressignificação de cada mulher, seja nos processos orgânicos de limpeza do corpo, ao eliminar um óvulo que não se transformou em zigoto, seja na simbologia da vida, que é a capacidade de renascer e recriar a vida continuamente. Desconstrói-se, dessa forma, a característica frágil que lhe foi imposta por um padrão.

Figura 7 – Útero, planetas e jardim



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/Ca0tnhgjnrF/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

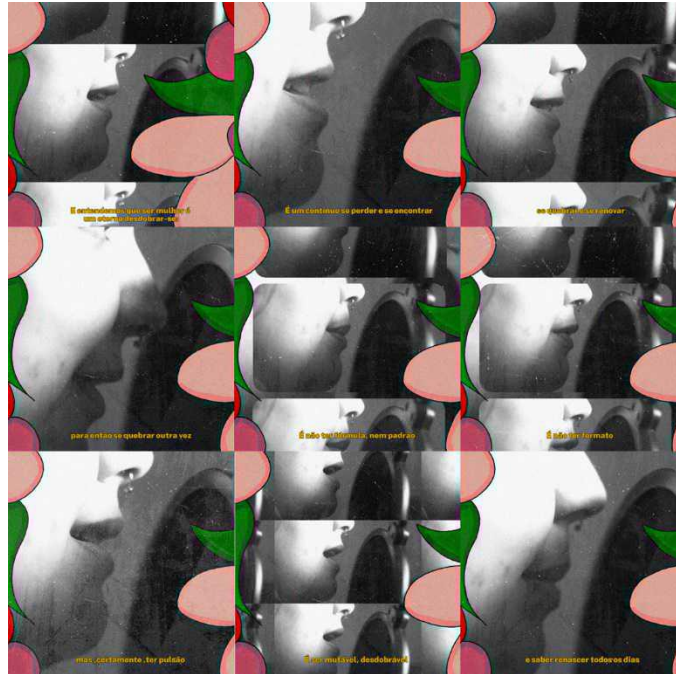
A presença do útero como o centro do sistema solar remete a duas ideias. Primeiramente, ele é um índice que faz com que a figura do sol seja lembrada. Os planetas giram em torno do sol e pode ser considerado haver também uma intertextualidade, pois se remete ao desenho do sistema solar. O útero no centro, no lugar do sol, traz a mensagem de empoderamento. A outra ideia seria a de valorização da mulher, posicionando-a como força criadora, não só no que diz respeito ao sentido de ser mãe, mas a tudo o que ela pode criar, aquela que tem o potencial de gestar. A intertextualidade, conforme mencionada, pode ser visualizada por meio da Figura 8:

Figura 8– Sistema solar



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/Ca0tnhgjnrF/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

Figura 9 – Quebrar e desdobrar



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/Ca0tnhgjnrF/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

A videopoesia caminha para o final, e a autora acrescenta signos semióticos que possuem elementos do cinema. Dessa forma, recursos de filmagem se mesclam com a animação 2D. A autora se utiliza de técnicas de montagem e edição para que algumas cenas se apresentem fragmentadas ou sem formato, a fim de que elas retratem as palavras e trechos do seu poema, os quais destacam capacidades da mulher, tais como: “desdobrar”, “quebrar”, “não ter fórmula”, “não ter formato” e o “ser mutável e desdobrável”. Pode-se, também, perceber uma intertextualidade com a “mulher-esqueleto”, em “Mulheres que correm com lobos”, de Clarissa Pinkola Estés (2014), significando a capacidade de a mulher se transformar e se renovar todos os dias.

Figura 10 - Mudança



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/Ca0tnhgjnrF/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

A videopoesia chega ao seu final. Verifica-se que todas as cenas, constituintes das Figuras 9 e 10, apresentam molduras no formato de flores, feitas por meio de signos semióticos de animação 2d. A animação floral emoldurada nas cenas acompanha a temática do poema que compara a mulher a uma flor. Entretanto, essa comparação não se dá pelo aspecto frágil de uma flor, mas se exalta, aqui, a capacidade que as flores têm de brotar em lugares áridos e, assim, ressignifica-se o conceito da mulher ser uma flor.

O LEITOR PÓS-MODERNO EM FORMAÇÃO E A PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS

Sabemos que a leitura como processo multidimensional na pós-modernidade demanda um arcabouço teórico-metodológico consciente dos desafios da vida de hoje. A leitura de produção artística multissemiótica requer a formação de um leitor experiente, sensível e crítico, que utilize as novas tecnologias digitais de modo ativo e interativo. O leitor pós-moderno reinventado sai do mundo exclusivamente bidimensional e mergulha na arte que oferece uma conexão totalmente diversa em relação a outras épocas: eis uma arte que desafia, que estimula, que sensibiliza e de modo singular. Como bem sinaliza Otacílio José Ribeiro (2012), fazendo uma conexão entre o viés libertário da educação em perspectiva freireana e a educação como emancipação que busca ser inclusiva e agregar as novas possibilidades abertas pela técnica, na linha de Lévy (1999), em última instância, “toda ação educativa deve ser detonada a partir dos homens e de sua realidade,

buscando a conscientização e uma verdadeira comunhão, que só podem ser alcançadas a partir do resgate do diálogo e da comunicação entre todos” (Ribeiro, 2012).

A análise da videopoesia, como vimos, precisa buscar os signos e seus arranjos nos intervalos, nas “fricções, como afirma Ana Paula Ferreira, e compor uma visão mais ampla do que é literatura e do que é arte. Essa leitura multidimensional – sem querer idear acriticamente o objeto – desterritorializa a produção artística e encontra o leitor movente, sensível para os hibridismos que o texto complexo mobiliza, como afirma Ferreira:

Desse modo, a partir dos processos de intersemiose, o videopoema pode ser considerado híbrido, o que possibilita uma ampliação do caráter sensitivo em poesia. A junção ou justaposição de signos verbais com visuais (e inclusive sonoros) é uma ruptura marco, pois significa uma desterritorialização ao propor uma visão mais ampla de arte e literatura. As fricções são de tal forma intensas, que tornam difícil a territorialização do experimento. Pode-se levantar a questão de que o videopoema apresenta elementos literários, signos literários, mas não constitui, em si, literatura. Porém, não é só vídeo, mas um entrelugar deste com a literatura. Daí a dificuldade de análise (Ferreira, 2004, p.40-41).

Nesse sentido, é no entrelugar, do entrecruzamento de gêneros, linguagens, leitores, que o videopoema se realiza e se projeta para novos tempos e novos espaços, reforçando o caráter ubíquo das criações nascidas a partir da ampliação das técnicas e, em especial, com o advento da internet (cf. Coscareli; Ribeiro, 2014).

Dessa forma, a mescla de linguagens contribui para que a mensagem de vida que brota até em lugares mais inóspitos seja transmitida. As técnicas de imagem 2d se unem à linguagem do cinema. A filmagem toma conta da tela, e as flores, como molduras, alinham-se ao texto e representam a ideia de força, potência e vitalidade, e não a de delicadeza, passividade e fragilidade, características estas idealizadas pela cultura tradicional do Ocidente. O texto se descentraliza de elementos que são tidos como privativamente femininos para abraçar a ideia de uma mulher que se reconstrói, não tem

formato, não tem padrão, de uma mulher fluida, refratária a estereótipos, a mulher pós-moderna. Os elementos não a definem, ela é quem os define.

Citando as palavras de Rojo e Moura, esse é um exemplo daquilo que tem sido chamado de:

[...] multimodalidade e multissemiose dos textos contemporâneos, que exigem multiletramentos. Ou seja, textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar (Rojo; Moura, 2012, p.19).

Para a promoção de uma leitura em consonância com a pedagogia dos multiletramentos, é importante que o leitor ou receptor de uma videopoesia sejam capazes de interpretar os sentidos do texto multissemiótico em uma perspectiva literária, observando como linguagem visual, escrita poética, efeitos sonoros e outras estratégias combinam-se de modo transformador. A análise detida do texto pede atenção aos seus aspectos estéticos, culturais, sociais e históricos, de modo integrado, o que pode, em última instância, dar lastro para que os sujeitos leitores da pós-modernidade possam, eles mesmos, ser criativos, críticos e protagonistas, reinventando-se como impulsionadores ou criadores dos novos multissemióticos, carregados de potência e sentido transformador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os recursos tecnológicos trazidos pela revolução digital desenvolveram e diversificaram a linguagem e sua forma de expressão, corroborando para a expansão de novas formas da arte contemporânea. As novas mídias incentivaram a criação de conteúdo, tornando-se canais de divulgação do material produzido. O artista passou a se expressar na atmosfera da cibercultura, a interagir com o seu público, manifestando a sua arte por meio dos novos gêneros digitais. Esses novos gêneros ressignificam as mídias tradicionais e passam a demandar uma perspicácia, uma conscientização sobre o ser pós-

moderno. Nesse sentido, é importante desenvolver a competência literária nas escolas também voltando-se para os gêneros da cultura digital, uma vez os processos de interação com mundo cada vez mais demandarão lidar com as formas artísticas em construção e transformação. Como afirma a Base Nacional Comum Curricular, é crucial para o jovem: “apropriar-se das linguagens da cultura digital, dos novos letramentos e dos multiletramentos para explorar e produzir conteúdo em diversas mídias, ampliando as possibilidades de acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho (cf. Brasil, 2018).

A videopoesia é um gênero literário que é parte dessa evolução da arte no mundo pós-moderno, possibilitando amplificar a comunicação intercultural entre diversos estratos sociais, locais, regionais e internacionais. O desenvolvimento da tecnologia digital expandiu as formas e o modo de comunicação e expressão do ser humano, bem como criou uma linguagem viva, conectável, verbal e imagética ao mesmo tempo. A videopoesia analisada neste artigo demonstrou que os recursos tecnológicos utilizados em sua criação e produção representaram sentidos para além da potencialidade do gênero de expressão exclusivamente verbal, reforçando a capacidade de se recriar continuamente e atingir novos públicos, por meio da interação, do diálogo, das negociações e das trocas subjetivas.

Por meio da leitura da obra “Cheiro de Revolução”, de Juliana Ujakova, pôde-se verificar como os signos semióticos empregados alinharam-se perfeitamente ao texto da autora, produzindo uma complexa e envolvente arte multissemiótica, por meio da conjugação de diferentes linguagens, como animação 2d, cinema, fotografia, artes visuais, música, escrita, oralidade. Assim, a artista-poeta, com seu videopoema, elaborou uma forma única de expressar sentimentos, pensamentos e opiniões, que dialogam com o presente de modo singular, ao mesmo tempo com sensibilidade para o seu tempo histórico e para as questões que instigam a humanidade desta e de outras épocas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério das Educação, 2018. Disponível em: www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 02 out. 2024.

BOSI, Viviana. Tendências da poesia e de outras artes no Brasil a partir dos anos 1960: o disco voador, o pau a pique, o parangolé. **Meridional – Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos**, n.11, p.97-122, out. 2018 a mar. 2019. Disponível em: <https://revistadematemáticas.uchile.cl/index.php/MRD/article/download/50858/53594>. Acesso em: 28 ago. 2023.

CAMPOS, Augusto de; MATTAR, Marina Ribeiro. Entrevista com Augusto de Campos: produção poética do livro. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v.52, n.3, p.158-164, p. set.-dez. 2021. Disponível em <https://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1662>. Acesso em: 10 set. 2023.

COSCARELI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2014. E-book.

DE BRITO, Deiga Luane Borges; ROCHA, Cláudio Aleixo. A Visibilidade e a Difusão da Arte por meio das Redes Sociais – estudo de caso da Fan page “Eu me Chamo Antônio”. **Revista Panorama-Revista de Comunicação Social**, v.3, n.1, p.352-364, 2013. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/3449/2020>. Acesso em: 2 ago. 2023.

DIAS, Silvana Moreli Vicente. **Semiótica**. Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida, 2019. E-book.

DOMINGUES, Diana. **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: Unesp, 1997.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FERREIRA, Ana Paula. Videopoesia: Uma Poética Da Intersemiose. **Revista Em Tese**, v.8, p.37-45, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3582/3571>. Acesso em: 30 jul. 2023.

JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. *In*: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 4.ed. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

LEMOS, André. Arte Eletrônica e Cibercultura. **Revista Famecos**, v.4, n.6, p.21-31, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/2960>. Acesso em 6 ago. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

REGO, Angela Cristina de Souza. **Poéticas da Contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida, 2019.

RIBEIRO, Otacílio José. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. *In*: COSCARELI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (org.). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2014. E-book.

ROJO, Roxane Helena; MOURA, Eduardo. (org.). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2012. p. 11-32.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens Líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

UJAKOVA. Cheiro de Revolução. Rio de Janeiro, 3 set. 2021. **Instagram**: @ujakovica. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/Ca0tnhgjnrF/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

Data de recebimento:01/11/2024
Data de aprovação:10/12/14